

Entrevista realizada em 16/03/2023 e revisada em 23/08/2023

Entrevistador: Célio Moacir dos Santos

Entrevistada: Isabel Cristina Rabelo Gomes

(Pesquisador) Então, a senhora pode começar contando um pouquinho da sua formação.

Então eu sou formada no ICEX, Instituto de Ciências Exatas da UFMG, porque eu sou de lá, nascida e criada em Belo Horizonte. Eu formei em 72, mas eu entrei em 69, no ano do primeiro vestibular único, que foi feito no Mineirão, o Estádio de Futebol. Não tinha cadeira, era arquibancada. Todo mundo sentado em arquibancada e fazendo aquele vestibular, aquele mundo de gente. Eu olho, é bacana, parecia que estava tendo um jogo, só que o jogo era o jogo do conhecimento, né?

Então, foi o primeiro ano do vestibular único, sentado na arquibancada dura de cimento, escrevendo na perna. Se precisava ir ao banheiro, era o banheiro do estádio de futebol, né? Tinha muito ajudante lá, tomador de conta, fiscal, aí saía com a gente, tinha os que ficavam, os que levavam para o banheiro, voltavam. E na hora que acabava a prova, tinha lá fora do estádio os carrinhos de cachorro quente, era uma festa. E para chegar naquela lonjura, que é a Pampulha, hoje é emendado com Belo Horizonte, mas na época não era. Então tinha os ônibus especiais para te levar lá para o estádio, para fazer a prova, aí quando você saía parecia que tinha acabado o jogo, cheio de coisa na porta. Era uma festa. E acho que foram dois dias de vestibular. E bom, e aí passei, e foi dos primeiros cursos que teve lá na Pampulha. Eu morava na Barroca, que é bem longe. Bem, e aí tinha feito 18 anos naquele ano do vestibular, tirei carteira, papai me emprestava o carrinho dele, um Opel Olympia 51, carro alemão, com uma folga no volante. O volante era desse tamanho, e era uma folga tanta que, não sei quantos graus que dava de folga, uns 30 graus, e aí eu ia dirigindo numas estradinhas. Não valia a pena eu ir ao centro de Belo Horizonte para pegar a Avenida Antônio Carlos, então eu ia por dentro do bairro, e pegava uma estradinha pequenininha que chegava na UFMG. E foi uma aventura, eu sozinha dirigindo aquele carrinho, mas foi muito bom. Só que aí também eu já estava namorando, e meu marido, noivo, amigo,

namorado, estava fazendo engenharia, e ia formar antes de mim. Aí eu fiz os créditos; você fazia matrícula, não tinha controle de computador, não existia, era tudo feito à mão, então eu matriculei em disciplinas de manhã, à tarde e à noite. Para adiantar...

Para poder ir estudando, fazendo os cursos, então de manhã eram as matérias de matemática mesmo. À tarde alguma, que vamos dizer que estivesse sendo oferecida para aluno que estava de recuperação, então fora do quadro. Se tinha eu pegava, e as matérias pedagógicas à noite. Então eu ficava o dia inteiro, até de noitão lá na UFMG, até 10 horas da noite. E aí consegui fazer, então foi 70, 71, formei em 72. E nisso meu marido – casamos em dezembro de 1971 já tinha se formado em engenharia; ele formou final de 72 e eu ainda fiquei um verão. Aí mudamos para Ipatinga, porque ele foi trabalhar na Usiminas. Eu fui depois assim, né, ia, voltava até acabar aquele verão. E lá fui dar aula no Colégio São Francisco, que era o colégio da Usiminas. Acontece que na região do chamado Vale do Aço, tinha curso de matemática, mas era matemática e ciências juntos. Quando eu cheguei com o meu título de matemática, eles assumiram que eu também era ciências, porque era a cultura local; eles conheciam esse profissional. Um tempo sem Google, sem WhatsApp, sem nada, a sua verdade próxima é a verdade de todo mundo. E eu não entendi nada quando eles me ofereceram aula de matemática, desenho geométrico e ciências. Eu também não tinha argumento para falar, perguntar porque me deram ciências, mas como eu gostava também de ciências, peguei os livros dos meninos e estudei. Estudei e dava aula do livro, e também de matemática e desenho geométrico. No meu curso tive uma cadeira, né, a gente fez um semestre de desenho geométrico. Bom, daí fiquei lá uns cinco anos - fiquei cinco anos em Ipatinga, mas no último ano eu já não estava mais no colégio. Bem porque... eu tive um filho, aí tive o segundo filho, não tinha com quem deixar, não tinha creche. Lá em Ipatinga, na época, a primeira idade que aceitavam criança, assim, que tinha escola, era com cinco anos de idade. Tinha um colégio que se chamava Pequeno Príncipe. Então eu não tinha com quem deixar os pequeninhos e a empregada não era todo dia que elas iam, né, aquela dificuldade. Sem família, sem nada, aí eu pedi demissão do colégio e fiquei sem lecionar, esse tempo final lá em Ipatinga. Depois voltei para Belo Horizonte, por que o marido foi chamado para trabalhar numa subsidiária da Usiminas, que era na época a Usimec, em Belo Horizonte. Bem, aí ficamos dois anos lá,

e de Belo Horizonte ele foi chamado para ajudar na construção da CST, aqui em Vitória, hoje chamada ArcelorMittal, né, foi vendida e tal, mas era uma empresa do governo, majoritariamente do governo brasileiro, mas japoneses e italianos dividiam igualmente 49%; era um projeto de três países.

Vimos, aí vimos com a família. Então, no primeiro momento, eu também fiquei sem trabalhar, até que a minha pequenininha, que quando eu mudei tinha um ano – nasceu em Belo Horizonte, começou a poder ir para a creche. Em Vitória já tinha estrutura, já tinha, assim, tranquilo, né, uma cidade com uma infraestrutura interessante. Aí quando eu botei a pequenininha na creche, eu voltei a trabalhar, e fui dar aula de matemática no Monteiro Lobato, que era ainda no Barro Vermelho, que é na Reta da Penha, na Avenida Nossa Senhora da Penha. Deixa-me ver se eu vou lembrar o nome da rua, João Carlos de Souza, ali onde hoje tem um supermercado, é o supermercado Ok. Aquilo ali era um grande lote vago, e ao lado tinha duas casas, o Pica-Pau, que era das crianças pequeninhas até cinco anos, e ao lado o Monteiro Lobato, que era a mesma escola, só que dos meninos de ensino Fundamental I e II. E aí eu fui dar aula para o Fundamental II, e também só de sétimo e oitavo anos. Tinha uma professora, professora Edith, que tinha feito curso normal, porque era o curso que formava professores para o Ensino Fundamental I, ainda não tinha a lei que obrigava a fazer pedagogia. Então era o curso normal e ela fez uma extensão, então ela podia dar aula pra quinta e sexta séries. Ela tinha experiência de dar aula para as séries iniciais, e ela podia dar quinta e sexta. E ela já era antiga no colégio, então era dela. Eu entrei pra sétima e oitava e a gente fez uma parceria bem legal. Muita coisa que ela não entendia, a gente tinha um bom relacionamento, ela tinha liberdade de vir me perguntar, a gente sentava, e aí foi bom pra mim também, porque eu entendi qual era a dificuldade dos professores que mandavam os alunos para o Fundamental II. Então, sendo professora e colega, eu entendi o que a minha colega, que era uma boa professora e reconhecida na escola, quais as dificuldades que ela tinha. Mas isso foi uma coisa natural, não foi algo que eu estava pensando. Era o do dia a dia, são conhecimentos que são agregados à sua vida, sem nenhum objetivo de longo prazo, mas, enfim, foi importante quando no futuro me tornei professora formadora de professores.

Nessa escola, é uma escola que dava muita oportunidade pra gente estudar, trazia palestrantes de fora, às vezes tinha algum congresso que a gente ia com a escola, coisas assim bem caseiras, porque ninguém tinha dinheiro. Eu lembro de um congresso que a gente foi em São Paulo, ficamos na casa da irmã de uma das diretoras. E aí aquele tanto de colchão no chão, mas era uma delícia, e eu gostei, gostava de estudar. Retomei o gosto pelo estudo, eu sempre gostei muito de estudar, e foi aí que eu resolvi, e, ah não, ainda não foi aí, mas eu estava gostando de estudar. Nisso, o meu marido que fazia muito curso pela CST dentro da área dele de engenharia, de produção de aço, etc, ganhou um curso, era uma preparação para um curso de administração, nos Estados Unidos. Era de uma semana, um seminário, para falar bem a verdade. Esse seminário era no valor de mil dólares. Na época, o dólar era mais barato, era um pouco mais de um para um, mas era diferente o valor das coisas. Eu sei que com esses mil dólares - ele conseguiu conversar com o pessoal que deu esse curso lá essa semana para transformar o seminário em dinheiro, e aí um pouco de reserva que a gente tinha, um pouco que meu pai emprestou, a gente foi para um curso de verão nos Estados Unidos. Ele conseguiu licença, uma licença dentro da CST, do trabalho, para ele ficar três meses na State University of New York, na cidade de Buffalo. Ficamos lá junho, julho e agosto, fazendo um curso de verão, aí sim uma preparação para um curso de administração e eu fui com ele. Nesse período, eu pedi licença do Monteiro Lobato; o Monteiro Lobato contratou um professor, que até era dono da escola Santa Bárbara. Ele foi dar aula no meu lugar, que então seria junho e agosto até eu voltar, julho era férias. Bom, lá tinha curso de inglês de férias, mas nós não tínhamos dinheiro para pagar, mas o laboratório de aprendizagem de inglês era aberto. Quando não estava tendo aula, qualquer pessoa que quisesse podia frequentar. E tinha as fitas, tinha o livro, os mesmo que quem fazia o curso tinha acesso. Eu descobri esse laboratório, e eu ficava lá desde as oito horas da manhã até a hora que meu marido acabava as aulas dele, que era em volta de quatro, cinco horas da tarde. Os professores que davam aula no curso passavam pelo laboratório, então ligaram um dos alunos àquela pessoa que ficava ali no laboratório todo dia, o que também não era comum, e no período de férias. Eles também estavam, em férias de verão das disciplinas do semestre, mas as universidades não fecham, mas muda de público e de cursos ofertados. E aí paravam para conversar comigo, às vezes me chamavam para almoçar, e o fato é que eu fui

tendo aula de inglês sem pagar. Acabei comprando o livro na livraria da universidade, State University of New York at Buffalo, bem na região dos Grandes Lagos, no estado de Nova York.

E aí eu evoluí e descobri que tinha um professor lá, Dr. Rising, que tinha muitos orientandos na área de matemática, e que trabalhava com essa história do computador.

Que história de computador? Pouco antes dessa oportunidade surgiu... isso foi no ano de 87, no ano de 86, teve uma novidade social, que foi a introdução do Atari, que é um joguinho bobo, uma imagem quadradinha, horrível, uns joguinhos que não tinham nada a ver com o que a gente conhece hoje. Mas enfim, aí eu ficava dando aula lá no Monteiro Lobato, em Vitória, coincidia que os alunos que estavam ali também eram filhos de pessoas que de alguma forma eu encontrava no convívio social. E eu comecei a perceber que aqueles alunos que eu suava para captar a atenção deles na aula, para fazer um dever, eles chegavam nesses encontros sociais, se as pessoas tinham esse joguinho, eles ficavam ali, não davam o menor trabalho, não davam um pio. Nem para comer brigadeiro os meninos saíam. E eu comecei a olhar e pensava “mas fulaninho, nessa dedicação, nessa concentração, a capacidade ele tem, então eu preciso mudar a minha aula, porque olha aí, ele dá conta de ter concentração; tem que ter um jeito de ter um joguinho desse para dentro da sala de aula. Eu não conhecia nada de computador, aliás, mentira que eu conhecia, que eu fiz curso de linguagem Fortran, durante o meu curso de matemática, eu tive um contato, mas era o que... bem isso era um cartão perfurado, o computador eu nunca vi, tinha um balcão lá que você passava os cartões pelo balcão, passava para alguém que podia ter contato com o computador. A pessoa levava lá para poder rodar o seu programa, trazia o resultado impresso em folhas, você via se estava fazendo o que você queria – então foi uma primeira noção de computador. Mas de computador de grande porte, então, eu não fazia, eu não conseguia fazer uma relação daquilo com o joguinho das crianças. Eu queria um joguinho que fizesse o que estava fazendo para brincar, que fizesse com matemática. E aí, quando eu estava nesse curso, voltando lá para os três meses que nós ficamos nos Estados Unidos, nessa universidade, me falaram do Dr. Rising, que estava em férias, mas que antes de eu voltar para o Brasil ele iria voltar. Eu fiquei mapeando o Dr. Rising

até ele voltar. Ele tinha uma pessoa que atendia, que anotava os recados, e consegui marcar uma entrevista, e conversei com ele, e ele ficou muito interessado. Então, eles já tinham um início era... como é que chama o programa, da tartaruginha: LOGO. Já era de computador desk top, mas era da Apple, que tudo lá nos Estados Unidos era da Apple, principalmente na área de educação. E aí tinha esse programa LOGO, era uma linguagem, mas muito diferente da linguagem Fortran. Você já falava direto com o computador, e fazia a tartaruginha se mover, fazia o que você quisesse com aquela linguagem que a gente aprendeu.

Enfim, conversei com o Dr. Rising e ele me disse que ia me dar uma prova. Se eu passasse nessa prova, receberia uma carta que poderia levar para o Brasil para conseguir uma bolsa. Foi aí que fui procurar, pois não tinha formação em pesquisa. Queria descobrir quem financiava. Como comecei a conversar com as pessoas, descobri que existia a CAPES, que financiava a formação de professores.

Fiz a tal prova com o Dr. Rising, que consistia em cinco questões de matemática, conteúdo que já havia estudado no curso de matemática. Passei e ele me deu a carta. No último mês, conseguimos pagar para eu fazer o curso regular. Assim, entrei em aula, fiz uma prova de nivelamento e fiquei no nível intermediário. Havia os níveis iniciante, intermediário e avançado, e eu fiquei no intermediário. Pagando esse mês, tive direito a fazer o TOEFL, uma prova que existe até hoje e que é obrigatória para ser aceito no curso e obter o visto de estudante.

Então, fiz a prova do Dr. Rising, que era de matemática. Ganhei a carta, mas precisava passar no TOEFL. Fiz o TOEFL e passei, com uma pontuação de 571, um pouco acima dos 550 necessários. Já estava com o TOEFL em mãos e a carta de aceitação. Voltei para o Brasil. Comecei a entrar em contato com a CAPES. Acho que na primeira vez liguei, provavelmente fiz uma ligação interurbana, embora não costumássemos fazer isso porque era caro e vivíamos com orçamento apertado e tínhamos filhos. De alguma forma conseguiram me enviar material por correio. Fui bem atendida por uma pessoa que me enviou um envelope cheio de formulários para preencher, inclusive para fazer um projeto. Na época, eu não sabia o que era um projeto, pois o uso do computador

não era ensinado, apesar de eu ser professora de matemática. Enfim, fui para a UFES e tive que entrar em contato com os professores do curso.

Fui ao curso de matemática para ver o que eles tinham. Foi lá que encontrei um grupo dentro do curso, composto por professores com um excelente domínio do conteúdo, assim como os professores que tive na UFMG. Eles já pensavam em educação matemática. Lembro da professora Lígia, da professora Dora da professora Ana Lucia e do professor Fábio, acho que eram os professores do grupo. Além deles, havia outros dois professores simpatizantes da ideia, mas que estavam mais focados no conteúdo e no modo de ensino tradicional, onde o conteúdo tem papel predominante em relação à metodologia. Esse grupo de professores já tinha estabelecido uma parceria com professores de escolas públicas de ensino fundamental e médio, concursados, não necessariamente alunos do curso de matemática, mas alguns alunos também participavam. Eles tinham um espaço dentro do prédio da matemática, onde se encontravam e se preparavam para oferecer formação continuada para os professores da rede estadual. Periodicamente, o Estado convocava para uma semana de formação continuada em determinado município, pois as escolas de ensino fundamental ainda estavam ligadas ao Estado, sem uma separação rígida. O grupo da UFES, juntamente com outros professores formados por esse grupo, oferecia formações em diversas disciplinas, como matemática, português, geografia e ciências. Eles escolhiam as disciplinas com base em pesquisas prévias feitas com os professores, a fim de atender às suas demandas. A matemática sempre teve a oportunidade de interagir com esses professores em atividade.

Conheci esse grupo da matemática da UFES, mas ainda não tinha iniciado meu mestrado. Eram pessoas que entenderam o que eu estava dizendo, mesmo sendo uma professora de fora, que não havia estudado na UFES, mas que precisava da universidade para ser solidária com meu projeto e comprovar que ele não era uma ideia sem sentido, mas sim algo que merecia uma bolsa. Conversei com eles e, em seguida, tive que ir à reunião do departamento. Fui conversar com o chefe do departamento, aí eu pedi autorização para ir nessa reunião de departamento.

Não era o colegiado, era o departamento, onde estavam todos os professores, não apenas alguns. Na hora da palavra livre, antes de tratar os assuntos, o professor explicou quem eu era e o que eu estava fazendo ali. Eu era uma jovem, ainda não familiarizada com o ambiente universitário, pois embora tivesse estudado, não vivia na universidade intensamente. Estava ali pedindo uma carta de recomendação para uma universidade que não me conhecia, sendo eu professora de uma escola particular, não do ensino público. O ensino público tem muito interesse em contratar professores, mas costuma ter resistência em contratar profissionais do setor privado. Isso me incomodava bastante, pois não entendia essa discriminação. Diziam que as escolas particulares poderiam pagar melhor, mas não era verdade para os professores, que não recebiam incentivos para capacitação.

No final, consegui explicar minha situação, e eles concluíram que poderiam me fornecer a carta, mas com a ressalva de que não havia nenhuma vaga garantida para mim naquela área. Havia interesse na disciplina em que eu atuava, mas não havia vagas disponíveis. Se eu decidisse buscar uma oportunidade futuramente, teria que participar de um concurso e concorrer a uma vaga, pois não haveria um concurso específico para mim, já que minha área ainda não estava contemplada no curso de matemática.

Isso ocorreu em 87. Precisei lidar com muita papelada para enviar à CAPES. Não lembro os meses exatos, mas só posso afirmar que em 4 de julho de 88, chegamos aos Estados Unidos com uma bolsa da CAPES para a professora Isabel Cristina. Nesse momento, eu já havia pedido demissão do Monteiro Lobato. Estávamos lá meu marido, nossos três filhos e eu, todos dependendo da bolsa da professora Isabel Cristina, que totalizava 1.200 dólares na época.

Foi uma oportunidade incrível. Conseguimos alugar um apartamento de dois quartos perto da universidade, que era facilmente acessível de carro ou bicicleta. As crianças só precisavam ir à escola e dizer onde moravam, e eram aceitas. Tinham visto F2, enquanto eu tinha o visto F1, e eles podiam estudar. Foi apenas necessário apresentar a documentação, incluindo a transferência deles e o currículo traduzido. Eles não

tiveram preocupações, apenas se encaixaram na série correspondente. Havia professores que lecionavam em "English as a Second Language" (inglês como segunda língua). Lembro-me bem que minha filha mais nova tinha uma professora, a Sra. Sereno, que ficava ao lado dela durante toda a aula para entender o que o professor estava ensinando. A filha participou integralmente da sala de aula, interagindo com seus colegas e recebendo estímulo. Quando a aula acabava, a Sra. Sereno a levava para sua sala. Ela repassava todo o conteúdo da aula novamente para minha filha. A Sra. Sereno falava espanhol, e nós falávamos português, então não era a mesma língua, mas ela conseguia absorver um pouco da cultura para ajudar minha filha. Em apenas quatro meses, a Renata já estava indo à biblioteca do bairro, pegava 11 livros de uma vez e os levava para devolver na semana seguinte. Ela estava se desenvolvendo rapidamente na língua. Os outros dois filhos mais velhos, um na Middle School e o outro na High School, também receberam apoio, embora não da mesma forma de ficar lado a lado, mas também se desenvolveram muito rapidamente. Foi impressionante.

Portanto, essa oportunidade foi única. Eu adorei o curso e tive o Dr. Rising como meu orientador. O curso era oferecido pela universidade, mas ele me indicou quais disciplinas eu deveria cursar. Lembro-me de uma em particular que eu não consegui fazer. Ele insistiu muito para que eu fizesse filosofia, pois considerava essencial que um professor conhecesse essa disciplina. Então, me matriculei, mas era o primeiro semestre e não consegui acompanhar. A filosofia era muito abstrata para mim naquela época, e ainda tinha a barreira da língua, pois o vocabulário da disciplina não fazia parte da minha cultura e nem do vocabulário em inglês que eu dominava. Acabei trancando a disciplina. Falei com o professor e ele entendeu. Depois disso, não tive coragem de me matricular novamente, porque percebi que meu inglês não era suficiente para aquele contexto.

É, faltava um pouco para acompanhar esta disciplina, mas fiz todas as outras. Tinha algumas disciplinas que você podia fazer como crédito independente. O curso lá é muito interessante, nunca vi um curso assim. Mesmo no meu doutorado que fiz na UFMG, não tinha essa flexibilidade. Na UFMG, você tinha que fazer 80 créditos na área

de matemática e, desses 80 créditos, 80% tinham que ser de disciplinas oferecidas naquele semestre. Era como um cardápio, mas não era oferecido todo semestre. Então, você tinha que escolher em qual semestre você estaria e quais disciplinas do cardápio estavam sendo oferecidas. Era um cardápio enorme, mas nem tudo estava disponível todos os dias, como em um restaurante, onde você chega e escolhe a la carte. Não, você tinha que escolher quais disciplinas do cardápio estavam sendo oferecidas naquele semestre, tipo restaurante self service.

Enfim, era muita coisa. Não dava para se cansar. Havia muitas novidades, coisas interessantes. Mesmo assim, fiz alguns créditos independentes, porque queria conhecer a escola. A mesma escola onde eu dava aula aqui. Isso não estava no curso, mas consegui um professor, que não era meu orientador, outro professor da área de didática, que concordou em me orientar em um estágio de observação na escola. Então, peguei um semestre valendo crédito para fazer o que queria, que era ficar lá na sala, como um estagiário, observando e ajudando a professora em alguma coisa. Era para conhecer a escola, a estrutura, a sala onde eu estava, assim como as outras salas e os professores. Foi fantástico, fiz dois cursos assim como crédito independente com professores que aceitaram me orientar. Um dos créditos foi na modalidade de Educação a Distância (EAD). Foi lá que conheci na prática esta modalidade de ensino.

Aqui no Brasil, ouvia-se falar muito de um curso que sempre fornecia um diploma técnico, mas era na modalidade a distância. Conheço muitas pessoas que fizeram cursos de eletricista, mecânica de automóveis, projetista... eles sabiam como fazer o projeto, porque era tudo feito à mão, com caneta nanquim. Os projetos antigos exigiam um curso para aprender a desenhar. Conheço muitas pessoas que fizeram esse curso, oferecido pelo Instituto Universal Brasileiro. Eles enviavam muitas coisas para as pessoas fazerem, elas respondiam tudo no papel, enviavam de volta e assim por diante.

Eu queria que meus filhos não perdessem contato com o português, e a escola não oferecia essa opção de língua. Então eles me ofereceram uma alternativa dentro da escola pública para meu filho mais velho continuar estudando português. Era oferecido

apenas para ele, que estava na high school, mas ele fez o curso de português a distância. Recebia via a escola onde estudava um guia de estudos e material impresso para completar tarefas. Na high school, era obrigatório fazer uma segunda língua, e ele já estava estudando inglês. Como a segunda língua era opcional, ele poderia escolher qualquer uma, como alemão ou espanhol; ele escolheu português. Ele pode fazer o curso de português à distância e receber créditos por isso. Só para ilustrar a flexibilidade que encontramos na época, na high school havia créditos independentes, caso o aluno quisesse estudar algo que não era oferecido na escola. Foi aí que eu decidi explorar mais sobre a Educação a Distância (EAD) e também encontrei outro professor que me orientou.

Tive meu primeiro contato com a EAD para a complementação da formação dentro da educação formal presencial. Não era uma substituição, mas disciplinas que poderiam ser feitas e integradas ao currículo normal, com o mesmo peso e os mesmos créditos necessários e que era escolha do aluno. Fiz disciplinas, como didática, e aprendi muitas coisas. Tive contato com Paulo Freire, que só conheci nos Estados Unidos, pois no meu curso de matemática aqui no Brasil ninguém falava sobre ele. Lá, eles eram apaixonados por Paulo Freire e tive muito contato com a didática, o que ampliou minha visão. Eu era uma boa professora, mas meu foco era no conteúdo e na resposta, não tinha competência para explorar o potencial do aluno. Era uma perspectiva de fora para dentro, e não de dentro para fora. Eu não conseguia enxergar isso, assim como ninguém nunca enxergou em mim. Foi lá nos Estados Unidos que aprendi muito, inclusive em uma disciplina chamada "Problem Posing and Solving", a primeira vez que ouvi falar sobre isso. Eu só conhecia o problema em que o professor dava uma questão e o aluno resolvia. Agora era diferente, o aluno fazia um problema e apresentava a solução e eu aproveitava o que ele havia feito e propunha outro. O aluno criava um problema para mim.

E se você, meu aluno, se fizer uma pergunta para si mesmo: e se, ao invés de ser sete ovos mais dois ovos, fossem vinte a menos? Ou, e se, pergunta... Enfim, é muito bacana você estimular o pensamento. Eu aprendi isso nesse curso. A primeira tarefa que o professor deu (eu esqueci o nome dele) tinha um livro muito legal. A primeira

tarefa que ele deu foi assim: ele apresentou um problema e falou: "Vocês vão tentar resolver esse problema em casa. É uma tarefa. E gravem o que vocês pensam." Jesus, como é difícil ter consciência do seu próprio modo de pensar. Olha, foi muito difícil para mim, e não consegui resolver o problema. Sabe por quê? Não tinha solução. Na verdade, ele não queria a solução do problema. Ele queria o seu pensamento. Gente, que viagem! Que bacana! Olha, ao falar sobre isso com você, eu fico emocionada ao lembrar como cresci e me tornei uma professora e uma pessoa bem melhor.

Aqui posso falar sobre a Didática ora enquanto área da educação e ora como disciplina. A Didática é uma área que está contida na grande área chamada Pedagogia. Juntas, visam fornecer embasamento para o processo educativo formal. Enquanto disciplina, a didática estuda os métodos e técnicas do processo de ensino. O professor, como todo outro profissional, tem ferramentas específicas fundamentais para o exercício da sua prática. A disciplina Didática torna-se um espaço dedicado à descoberta, exploração e aprendizado das ferramentas documentadas ao longo da história da educação. A documentação se dá pelo registro da prática do profissional e pela fundamentação teórica advinda da própria Didática, ampliada pela grande área pedagógica e enriquecida pelas áreas teóricas correlatas, sobretudo pela Psicologia da aprendizagem. O professor precisa se conscientizar de que a teoria da aprendizagem e suas ferramentas, são áreas em constante construção. Existem referências, instrumentos de pesquisa, observação, experimentação, avaliação, tudo dentro de um projeto político pedagógico de Escola, País e Mundo.

Assim, considero que os estudos do meu mestrado e a prática profissional, foram fundamentais para que eu percebesse que estava me tornando uma professora e uma pessoa melhor.

Eu terminei meu mestrado em Educação Matemática em 1990 - comecei em 88. Fomos pra lá em julho, 4 de julho a gente chegou, que é o dia da independência americana. Começamos em setembro, que é o ano regular. Aí fui de setembro a junho, foi um ano. Depois, de setembro de novo a junho, e viemos embora no 4 de julho de novo. Então, foi de 88 a 90 que eu estudei. Aí tá bom, aí cheguei no Brasil. Cheguei em Vitória...

Cheguei em Vitória, poderia ter escolhido ir morar em outro lugar e até mesmo voltar para Belo Horizonte, onde estavam nossos pais e irmãos, quer dizer, ainda não, que o marido ainda estava ligado à instituição, a CST. Para mim, já não tinha minha vaga no Monteiro Lobato, e eu também não queria. Eu achei que o que eu tinha aprendido dentro de um programa nacional de capacitação de professores, precisava ser compartilhado em um universo mais amplo do que apenas em uma sala de aula. Ah, bom, eu não falei dos computadores, né? Afinal de contas, eu fui lá pra ver isso, mas eu vi tanta coisa que o computador foi só mais uma dentre as muitas aprendizagens.

Mas não estava ainda, não era igual ao Atari, não era nada assim, mágico. Eu queria um negócio mágico, não era mágico. Então tinha tal negócio lá da tartaruginha, que era uma linguagem, a Linguagem LOGO. E a linguagem, você aprende a conversar com a máquina, uma ferramenta poderosa no desenvolvimento do raciocínio lógico. Então eu fiz esse curso, na verdade eu fiz três semestres. Você podia fazer só um ou quantos você quisesse. Eu fiz tudo o que eu pude fazer de computador lá, tudo. Porque era isso que eu queria. Comprei um computador pra mim - aqui no Brasil ainda não tinha computador pessoal. Na verdade, antes de viajar, eu cheguei a ver um computador lá na UFES, de uso pessoal. Tinha aquele grandão também que você passava os cartões perfurados pelo balcão. Mas eu cheguei lá no prédio da matemática, eu não me lembro porque cargas d'água alguém me levou pra ver. Era uma salinha fininha assim, como se fosse um corredor que tivesse sido fechado, e a sala estava na penumbra, o ar-condicionado trincando de frio. E a pessoa abriu a porta e falou: "Aquilo ali é um computador de mesa". Tinha até o nome; se não me engano era da empresa COBRA. Ou era IBM, a dona dos computadores de grande porte, que na época, fora do Brasil, disputou espaço com a Apple. Tinha gente na porta proibindo a entrada, porque não podia sujar, não podia ter poluição. O bicho parava, tinha que estar gelado porque ele gerava muito calor, senão ele queimava. Era esse computador que eu vi que tinha aqui no Brasil, e no Estados Unidos eu pude comprar um, em fase mais avançada de desenvolvimento, de uso em laboratórios abertos aos estudantes e passível de ficar em sua escrivaninha de trabalho. Mesmo com essa bolsa apertada, pude comprar um Apple e uma impressora. Então, quando voltamos, eu pude trazer. Olha mais um ganho

aí. Cheguei aqui e comecei a dar aula de LOGO no meu computador. Aí comecei a dar aula, e o que aconteceu?

Eu fui procurar o grupo da matemática, da UFES, a Dora, Lígia, Fábio e Ana Lucia para falar: - gente, eu voltei! Era um grupo assim bom de trabalho. Os outros eram professores que eles formavam, basicamente professores de matemática de escola pública do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, convidados a fazer parte daquele grupo de estudo. Eles me trouxeram para dentro do grupo, me deram a oportunidade de relatar minha experiência. Escolhe uma coisa que você fez lá que foi legal, você dá uma aula para a gente, apresenta o que você fez. Então eu lembro de falar desse problema, eu lembro de falar da linguagem da tartaruginha, e assim fomos. Eu fui aprendendo com eles, e eles aprenderam comigo, viram o que eu tinha estudado lá fora, e eu entrei nesse grupo. Então, quando tinha cursos de capacitação para dar, que o Estado contratava, ou mesmo prefeituras do interior, eu ia junto. Agora eu já era uma daquelas pessoas. Não era a professora da UFES, mas era uma das pessoas do grupo. Então eu tinha uma turma, onde eu ia ensinar alguma coisa. E eu aprendi muito trabalhando para levar luzes sobre as dificuldades que os professores da ativa, do Ensino Fundamental I e II tinham, de conteúdo e de ferramentas – a Didática enquanto área da educação e disciplina ensinada no curso de Matemática, ou Curso Normal, dependendo da formação dos professores.

Havia também os seminários promovidos pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM, o Encontro Nacional de Educação Matemática, então eu ia. Desse grupo de estudos da UFES, saiam pesquisas com grupos de dois ou três membros. Mandávamos para o congresso, para o evento. Sendo aprovado, e geralmente era, a gente tinha que preparar material e ir lá dar para aqueles alunos, professores como a gente, que vinham para o congresso. E a gente assistia as oficinas de outros professores e muitas palestras com nomes importantes da área. Foi nesses encontros que conheci o Professor Ubiratan D'Ambrosio, que veio a ser uma referência em minha vida profissional, em minhas aulas de Didática e de estágio de Prática de Ensino, para o curso de Matemática. Gente que viagem, que bacana! Aí eu estava igual um sapo na água, porque já tinha voltado a estudar, já tinha feito o mestrado, estava com esse

grupo forte, tinha os dias de encontro de estudo, ia dar aula. Evolui muito, até porque esse grupo estava ligado a outros grupos lá da UFES, da matemática da UFES e da SBEM. Nosso grupo participava de um projeto nacional que em algum momento, teria uma bolsa de estudos para o exterior. E essa bolsa chegou. Do grupo que estava ali dentro, por razões pessoais, ninguém estava podendo sair naquele momento e eu me dispus a ir. Fazer o doutorado estava nos meus planos. Eu tinha chegado em 90 do mestrado (88 – 90). Já estava ativa no grupo e queria muito compartilhar, de forma institucional, o que vinha aprendendo. Aí, nesse meio tempo, saiu no jornal do Brasil, que era jornal de papel, uma chamada para projeto de melhoria do ensino de matemática e ciências nas escolas regulares. Eu recortei isso e busquei a Secretaria de Educação da Prefeitura de Vitória. "Eu quero fazer um projeto de colocar computadores nas escolas da rede municipal." Consegui falar com a secretária de educação da prefeitura. Já sei por que eu consegui falar com ela. Quando eu dei aula no Monteiro Lobato, essa moça, Odete, era pedagoga. Foi a pedagoga que cuidava da faixa etária em que estavam meus filhos. Ela estava na secretaria de educação.

Eu consegui falar com ela, não lembro se liguei ou se cheguei lá e disse que tinha trabalhado com ela. Não me lembro, só sei que ela me recebeu e eu expus o que queria fazer. Naquele dia, tinha aberto uma vaga, não era para professor, mas sim um cargo comissionado na pasta da educação. Mais tarde descobri que era na área de educação física, mas na época não sabia. Ela disse: "Tem uma vaga e estou precisando colocar alguém. É você." Ela me colocou nessa vaga. É incrível, é como se fosse um ato de Deus. Para quem tem fé, pode ser visto como uma conspiração do universo, ou qualquer coisa assim. Enfim, ela me deu essa oportunidade e eu comecei a trabalhar. Construí um laboratório lá dentro da secretaria. Antes disso, cheguei lá e disse: "Pronto, então vou trabalhar aqui. Mas não tem computador." Como assim, não tem computador na secretaria? Não, não tem. Estão fazendo o cabeamento do prédio agora. Era só o prédio da prefeitura ali na Avenida Beira-Mar. Estão fazendo o cabeamento, mas vão pular o andar da secretaria de educação, porque ninguém aqui trabalha com computador. Vai ser lá em cima, lá embaixo, mas o meio aqui vai ficar assim. Eu disse: "Não sei mais trabalhar sem computador." Fui até o subsolo, onde estava a gestão desse cabeamento, e expliquei: "Eu preciso de um computador. Não vai

dar para ficar sem." Colocaram o primeiro computador na secretaria de educação. Fizeram o cabeamento e eu comecei a ensinar, porque eles precisavam muito dos dados do sistema gestor, como informações sobre merenda e outras coisas. E não tinha ninguém para inserir esses dados no computador. O sistema estava em processo, afinal de contas, não estava pronto. Então, eu dei suporte no que pude, mesmo não conhecendo o trabalho em si, mas eu sabia o que o computador poderia fazer. As pessoas foram aprendendo, também não era difícil. Aprendiam e assim fomos construindo. Foi quando descobri que havia umas fitas de vídeo educacionais – fitas VHS. Ainda não era DVD.

Então, nas escolas já tinha TV e também tinha o videocassete, aparelho que reproduzia na tela da TV o que estava registrado nas fitas VHS. Mas não tinha quem soubesse como que fazer para usar aquele material como ferramenta de ensino e aprendizagem. Às vezes o professor pegava um filme em locadoras e colocava para os alunos assistirem. Era mal visto porque parecia que o professor estava matando aula, apenas colocando um filme da locadora. Eu pensei diferente e disse: "Não, nós temos que usar isso como uma ferramenta". Ainda não tinha conseguido fazer o computador como uma ferramenta, mas isso abriu minha mente para a tecnologia.

Então, criamos um laboratório chamado LEA, que significa Laboratório de Ensino e Aprendizagem. Tem até um fato cômico, pois alguns professores da rede acharam que eu me chamava LEA. De qualquer forma, eu fiquei conhecida. Eu ia para as escolas durante as reuniões dos professores para explicar qual era a filosofia de uso dos vídeos. Catalogamos todos os vídeos. Os professores podiam levar para casa, assistir e ver o que era relevante para sua área. Depois devolviam e pegavam outros vídeos. Comecei a dar cursos também, dentro da Prefeitura. Foi um sucesso bem grande, foi muito bom. O LEA cresceu e ganhamos mais computadores. Ganhamos um espaço. Nesse período, eu ficava em uma sala de reuniões porque não havia outro lugar. Era ali que eu colocava as fitas de vídeo e emprestava. Quando tinha reunião, eu ficava sentada no corredor porque a reunião não era para mim. Depois, fomos ganhando computadores e conseguimos um espaço próprio. As escolas começaram a construir laboratórios de informática. Foi muito legal. Então, eu não queria voltar para a sala de aula porque

achava que seria bom, mas seria pouco. Eu pensava que, devido ao financiamento que eu tinha recebido, precisava multiplicar mais.

Eu tenho que envolver mais pessoas com a minha formação. Deu para perceber que havia muitas pessoas interessadas no uso da tecnologia na escola. Após o primeiro ano trabalhando como cargo comissionado, houve um concurso na Prefeitura de Vitória. Eu fiz o concurso e fiquei em primeiro lugar, mas não fui para a escola. Continuei trabalhando dentro da secretaria com o mesmo projeto, foi apenas para deixar o cargo comissionado.

Mas enfim, voltando à história da Bolsa, saiu a Bolsa para aquele grupo de Educação Matemática da UFES, e os professores que tinham o direito de pegar essa Bolsa naquele momento não puderam. E eu comecei a procurar onde eu poderia ir para fazer o doutorado dentro da mesma linha, pois ainda queria usar computadores como ferramenta de ensino e aprendizagem. Agora, eu não queria voltar para os Estados Unidos. Eu queria que a CAPES me desse essa Bolsa, mas era um projeto específico para professores ativos que estavam estudando Educação Matemática. Então comecei a pensar: "Eu quero estudar, mas também quero aproveitar outras oportunidades". Eu queria ir para um lugar onde se falasse francês. Pensei que agora também queria praticar meu francês. Eu tinha estudado francês no colégio e gostava. Comecei a estudar na Aliança Francesa de Vitória e enviei cartas para as instituições, sondando possibilidades. Uma das cartas de sondagem recebeu uma resposta de um orientador, Monsieur Baillé, que mostrou muito interesse na minha área. Recebi uma carta de aceitação. Deu tudo certo. Enviei para a CAPES e eles me escreveram dizendo: "Olha, você foi tão bem no mestrado..." Porque quando voltei do mestrado, o Dr. Rising, meu orientador, me deu uma carta convidando para continuar os estudos lá. Ele falou que tinha muito interesse em que eu continuasse, mas eu tinha que voltar porque minha bolsa era de dois anos e havia um contrato assinado com a CAPES. Você não pode ficar. Eu juntei essa carta dele como mais um reforço de que eu era uma pessoa que valia a pena investir. Eu precisava convencer a CAPES também. Agora eu já tinha as cartas da universidade e também da Prefeitura de Vitória. A secretária Odete, que continuava sendo a mesma, me deu uma carta de recomendação também. Eu era uma boa pessoa

para investir dinheiro na formação. Aí a CAPES me escreveu assim: "Olha, você foi tão bem nos Estados Unidos, por que não continua lá?"

Eu respondi: "Não, porque eu quero abrir mais meu círculo. Já sei como as coisas são feitas no Brasil, já sei como são feitas nos Estados Unidos. Quero ver como são feitas na Europa. Isso está dentro do meu projeto de diversificação." Tudo bem, me deram a bolsa. Lá fui eu. Fui sozinha porque meu marido estava trabalhando em outro lugar. Ele já tinha saído da CST. Aliás, ele era autônomo dentro da área, aproveitando o curso de mestrado que ele também tinha feito em gestão. Agora ele era consultor. Ele atendia muitas empresas aqui no Espírito Santo. Ficou muito triste quando aceitei a bolsa porque ele não poderia ir. Fui em agosto de 92. Tinha acabado de completar dois anos desde que chegara do mestrado. Saí para o doutorado na França. Fui estudar em... Lembrei de Rennes, mas não foi em Rennes que fui. Em Rennes, fui depois fazer um estágio. Fui para a cidade de Grenoble, Université Pierre Mendès France, ou Grenoble II. Fui sozinha em agosto para as aulas começarem em setembro. Minhas meninas ficaram aqui terminando o semestre. Em dezembro, elas foram. O filho já não foi mais porque estava servindo o exército e já estava na faculdade. Ele parou a faculdade para servir o exército. Meu marido não podia ir, então fiquei com as meninas. Foi uma experiência muito boa, mas totalmente diferente daquela vivida nos Estados Unidos.

Eram quatro professores que coordenavam a pós-graduação em educação. Monsieur Baillé era o chefe do Laboratório dos Estudos em Educação ele não era da área de matemática, ele era da área de estudos sociais. E era uma pessoa muito difícil. Eu não entendi por que ele quis aceitar um estrangeiro no sentido cultural da palavra. Ele tinha outros orientandos estrangeiros, mas eram da Tunísia, de lugares que eram colônias francesas, ou que haviam sido colônias francesas. Para essas pessoas, o francês era a língua deles. E ele aceitou uma pessoa, acho que talvez por inexperiência dele, uma pessoa de outro país que falava francês, mas não era perfeito. Meu francês não era perfeito, assim como meu inglês não era. Lembro-me que, às vezes, eu ia conversar com o Dr. Rising e aí eu falava: "desculpe meu inglês", e ele respondia: "Se algum dia eu tiver um português metade do seu inglês, ficarei muito feliz". Uma coisa que aprendi muito lá e não mencionei aprendi com meu professor de didática. Ele

abordava a questão de as crianças virem para a escola durante oito horas e ficarem conosco o dia todo. Ele enfatizava a importância de valorizar cada coisa que elas faziam, em vez de dizer que elas não sabiam ou não aprendiam. Ele aplicava provas e as revisava conosco, ensinando-nos como fazê-lo. Além disso, havia uma ampla variedade de literatura, com muitos livros publicados por cada um dos meus professores nos Estados Unidos.

Quando cheguei à França e encontrei o Monsieur Baillé, sua primeira reação foi ficar irritado porque o meu francês tinha vícios, porque eu não falava um francês perfeito. Ele falava ou agia de modo a me fazer sentir que eu não poderia vencer, que eu não daria conta, que ninguém faria um doutorado em quatro anos... As aulas começaram em setembro. Teve um seminário, o primeiro seminário da disciplina. Naquele sistema, não tinha créditos igual tinha lá nos Estados Unidos. Eram oferecidos seminários e no final do período tinha uma prova. No seminário, foi falado sobre interesses para a tese, e eu falei o meu. Ele falou assim, não, você vai fazer o que eu te mandar fazer. Eu entendi que a filosofia era assim - você vem com a sua bolsa para trabalhar para mim. Isso foi muito difícil para mim e para ele também foi muito difícil me entender. Comecei também os seminários com os outros professores.

Depois disso, ele não oferecia mais disciplinas, mas ainda precisava me orientar e discutir o assunto. Ele dizia: "Vá para a biblioteca, aluno de doutorado trabalha sozinho". Ele nunca me recebia e, se por alguma razão me recebesse, nunca me convidava para sentar. Lembro-me de uma vez em que ele estava corrigindo provas ou trabalhos com seus óculos de meia taça. Ele me olhou por cima dos óculos, e eu disse: "desculpe interrompê-lo". Ele respondeu bravo: "Já interrompeu, entre!". Entrei na sala e ele me atendeu, mas eu permaneci em pé. Foi nesse dia que ele disse: "Vá para a biblioteca, aluno de doutorado trabalha sozinho". Então, passei cerca de um ano e meio fazendo os outros créditos que precisava, e depois me dedicaria à tese. Havia um exame a ser feito antes de iniciar a tese.

No dia da apresentação do meu projeto, ele estava acompanhado por uma professora que também havia dado aula para mim. Ele me perguntou: "Com quem você vai fazer

sua tese?". Eu olhei para os dois e respondi: "Ué, com o senhor". Ele então disse: "Vamos ver". Durante a apresentação, naquele momento, percebi que aquilo não iria dar certo. Como eu poderia trabalhar mais três anos nessa situação? Além disso, ele mencionou que em quatro anos não seria possível concluir a tese, que deveria levar de cinco a oito anos. Eu argumentei que minha bolsa era de apenas quatro anos, conforme estabelecido pela CAPES. Tudo estava complicado, e eu só me lembrava da moça da CAPES dizendo que eu tinha dado certo nos Estados Unidos, então por que ir para outro lugar?

No entanto, durante minha estadia lá, tive a oportunidade de conhecer outras pessoas e projetos. Havia um prédio próximo ao local onde eu estudava, dedicado à área de ciências, onde um orientador trabalhava especificamente com informática e Linguagem LOGO. Acabei me envolvendo com aquele grupo de pesquisa e até conversei com Monsieur Baillé sobre a possibilidade de me integrar a esse grupo. Ele concordou que continuaria sendo meu orientador, mas cortou a possibilidade de trazer o outro orientador para lá e dividir a orientação. Mesmo assim, ele começou a me dar um pouco mais de atenção e me deu um projeto para trabalhar, me enviando para uma escola.

No entanto, após um ano e meio lá, já havia chegado à conclusão de que não seria possível. Éramos alguns alunos de diversos níveis de pós fazendo essa pesquisa para ele na escola – um contrato entre ele e o ministério da educação. Apresentamos, e ele não deu crédito para o trabalho dos colaboradores, nem para mim, nem para os outros alunos, inclusive os franceses. Isso não se devia apenas a diferenças culturais, ele simplesmente não reconhecia o trabalho realizado, não mencionava quem tinha feito. Era algo estranho. Tentei com outros professores do grupo da Faculdade ligado ao Laboratório de Educação. Um deles, que era indiano, me disse: "Isabel, eu não te aceito porque, quando chegar a hora da autorização para defender, o Monsieur Baillé, que é o chefe, não vai aprovar o seu projeto, não adianta". Depois disso, decidi que iria sair dessa universidade.

Nessa época, também havia lido um material muito interessante da França, mas infelizmente guardei poucos detalhes porque a experiência foi muito traumática. Por causa desse trauma, tenho dificuldade em lembrar os nomes relacionados. Escrevi para um professor que tinha co-autoria nesse livro. Ele respondeu dizendo que não tinha um laboratório por não estar vinculado a uma universidade, não podia me aceitar, mas repassou meu material para a professora que havia escrito o livro com ele. Essa professora estava em Lyon, que fica a duas horas de trem de da cidade de Grenoble. Decidi ir conhecê-la e fiquei encantada com o encontro. Ela mencionou que precisava muito de alguém que falasse inglês, e que eu seria uma adição valiosa para o projeto em andamento, que envolvia várias instituições, inclusive dos Estados Unidos. Ela disse: "Eu realmente preciso de alguém que fale inglês, você será uma grande contribuição". Era tudo o que eu precisava ouvir, mas... o que era? Era sobre o uso do computador como ferramenta no processo ensino aprendizagem, mas numa abordagem das ciências sociais; eu teria que sair da área de educação. Então enviei uma solicitação para a CAPES, informando que desejava trocar de orientador e de universidade. Já estava tudo resolvido e documentado. No entanto, a professora também me alertou que os dois anos que passei lá seriam necessários para mim aqui, porque eu teria que fazer uma transição de área, o que também complicaria a defesa da tese em quatro anos. Mas pelo menos eu estaria em um lugar onde poderia aprender muito, ao contrário da situação com o orientador de Grenoble II.

Enviei a solicitação para a CAPES, mas a resposta foi para interromper os estudos e voltar ao Brasil, sem a possibilidade de trocar de área. A justificativa era que, a cada seis meses, eu apresentara um relatório do período e, a cada vez, eu relatava a verdade, a falta de interação, as dificuldades com o orientador, mas tinha passado em todas as disciplinas e completado os créditos necessários. Por sorte, nunca escondi o que estava acontecendo. Mas meus relatórios não mostravam desânimo, Eu acreditava que conseguiria, que poderia motivá-lo ou fazê-lo me aceitar do jeito que eu era. Mas naquele momento eu pedi para trocar de Universidade e de orientador e a CAPES não aceitou. Tive apenas um mês para retornar. Devo dizer que só tenho elogios para a CAPES. Embora estivesse lutando e precisando de apoio, eu estava cheia de energia. No entanto, tinha perdido 11 quilos sem fazer dieta, e talvez houvesse algo de errado

comigo. Não estava doente, mas talvez Deus estivesse cuidando de mim. Eu soube aceitar que tinha que voltar. Minhas filhas também já estavam prontas para a transição de volta. A mais velha estava prestes a fazer o vestibular e ainda tinha mais um semestre de cursinho aqui, para o terceiro ano do ensino médio. Ela fez o vestibular para Economia na UFES e ficou em primeiro lugar. A outra estava começando o Ensino Médio e foi estudar no Darwin, mas olha, foi na hora, mas custei ter coragem de voltar a estudar e a buscar o doutorado; foi muito traumático, mas uma experiência ímpar para minha formação como futura professora de graduandos em curso de licenciatura em Matemática e do curso de Pedagogia.

O grupo da universidade não me cobrou, porque então eu voltei com alguma coisa. Engraçado que nesse grupo de doutorado, ao invés de aceitarem meu mestrado da SUNY Buffalo, eles exigiram uma primeira fase chamada Diplôme d'Études Approfondies (DEA), para só depois entrar na tese. Eu terminei essa primeira fase, a CAPES aceitou e o grupo de estudos da UFES também. E para acalmar meu coração quando eu ainda estava na França, eu recebi uma carta da CAPES falando que a UFES, o Departamento de Didática e Prática de Ensino, do Centro Pedagógico – eram as denominações da época, estava precisando de um professor na área de Educação Matemática. Recomendaram que eu me apresentasse ao setor e foi o que eu fiz, munida com aquela cartinha da CAPES. Meus documentos estavam ainda empacotados. A professora Ana Marreco, que era diretora do Centro de Pedagógico e a professora Maria José Campos Rodrigues, chefe do DDPE me receberam. Fui entrevistada e expliquei que os documentos estavam ainda no navio, então eu só tinha documentos pessoais e a cartinha da CAPES. Depois da entrevista avaliativa, eu fui contratada como professora substituta e comecei a trabalhar. Acho que foi em 1993.

Nesse tempo, ainda como professora substituta, teve uma chamada para projeto de melhoria do ensino de matemática, ciências, química e física nas universidades, à semelhança daquele que me levara, em 1990, à Secretaria de Educação da Prefeitura de Vitória. Eu fui atrás do curso de matemática e propus que fizéssemos um projeto em conjunto. Afinal eu trabalhava com duas disciplinas do curso, participava do grupo de Estudos em Educação Matemática e o Curso já tinha um espaço destinado a

Laboratório de Matemática. Mas os professores queriam um laboratório de Matemática e não de Educação Matemática e disseram não à ideia de laboratório conjunto. Uma colega da Educação Matemática do meu Departamento, tinha ido nesta reunião com o curso de matemática, mas também não quis participar da elaboração do projeto. Achou que não ia dar certo, que não valia a pena, que a gente sozinha era pouco.

Meti a cara e fiz o projeto. Essa época foi uma época de muitas construções na universidade e o Centro de Pedagógico estava construindo um prédio, para abrigar o laboratório de educação de jovens e adultos, de ciências e de história. Eu pleiteei espaço para um laboratório de matemática, e o Centro aprovou. Então nosso projeto já foi com espaço alocado. O Projeto do Centro Pedagógico foi aprovado e nós ganhamos 50 mil dólares. Naquela época, o dólar estava equiparado ao real, então a vantagem estava na compra dos equipamentos cujas peças eram compradas fora e os computadores montados no Brasil. E compra de computadores era o grande investimento de nosso Laboratório.

Eu sei que conseguimos montar o laboratório com esse dinheiro, tudo em bancadas de fórmica construídas para o local. Na hora de escolher o modelo de computador, preferimos um que atendia a necessidade de uso para editor de texto e planilhas, linguagem LOGO e outros programas de menor consumo de memória de trabalho em detrimento de um mais recente e muito mais caro. Preferi adquirir vários computadores e impressoras, uma de fita, chamada impressora matricial, e uma de jato de tinta que fazia impressão colorida. E aí, meu amigo, a turma de pedagogia, que nunca tinha tido contato com um computador, mas que depois de formada tinha que trabalhar em escolas com laboratórios de informática, inclusive na rede pública, começou a frequentar o laboratório para realizar trabalhos e imprimir documentos. Inicialmente, tínhamos apenas fita para impressão em preto, mas com dinheiro final do projeto conseguimos adquirir tinta para impressão colorida. Foi muito bom, e nosso novo projeto fez do Laboratório de Matemática do Centro Pedagógico uma referência, e desta vez na UFES. A partir desse momento, todos que se formavam em pedagogia na universidade já saíam conhecendo o computador. Também oferecíamos cursos

gratuitos para alunos de escola pública e para os próprios alunos da UFES. Os alunos da Matemática também vinham usar nosso laboratório pois o acesso era livre. O contato com os computadores como ferramenta de ensino-aprendizagem foi importante para que pudessem trabalhar nas escolas da Prefeitura de Vitória, que já contavam com computadores, escolas do Estado e nas escolas particulares. Lembrando que, na Prefeitura, iniciamos o processo de tecnologia como ferramenta no processo ensino-aprendizagem em 1990/91, quando criamos o LEA. A partir dessa época, houve um avanço constante, com a implementação de computadores nas escolas, cursos e outras iniciativas. A professora e o professor que estavam se formando na UFES iria dar aulas naquela escola sem nunca ter tido contato com um computador. Seria um verdadeiro desencontro que o projeto financiado pela CAPES ajudou a superar. Foi maravilhoso. Dentro da universidade, também ganhamos apoio, enviamos projetos para a reitoria de pesquisa e recebemos verbas. Assim, o Laboratório pode contratar alunos de pedagogia para atuarem como monitores já que eu não podia ficar lá o dia todo. Até mesmo os estudantes de matemática, que não tinham um local específico, vinham para o laboratório. Além dos computadores, conseguimos comprar uma quantidade significativa de material pedagógico, para trabalhar conceitos como sistema de numeração decimal e frações. Tínhamos diversos materiais de madeira, que passaram a pertencer ao acervo do Centro Pedagógico. Todos os professores da área de matemática tinham a possibilidade de usá-los em seus planejamentos. Avançamos muito; realmente alcançamos grandes progressos.

Montado o Laboratório, eu ia com os meus alunos para ter aula lá, mas não estava muito satisfatório, pois o intervalo das aulas era muito curto, acabava uma aula e começava a minha. Até eles atravessarem o espaço entre o prédio de aulas e o dos laboratórios, perdíamos muito tempo. Aí, a professora Jussara, que era também da área de matemática e tinha uma sala só dela no prédio onde estavam as salas de aula, permitiu que trouxéssemos para sua sala o material de madeira, várias caixas com material do sistema de numeração decimal, várias caixas com fração e outros. Eu subia e descia escada carregando aquele material e trabalhava na sala de aula mesmo. Foi muito bom. Era um material que também podia ser encontrado nas escolas, mas que normalmente ficava nos armários, sem uso, porque os professores, muito egressos da

UFES, nunca tinham manuseado para explorar sua potencialidade no processo ensino-aprendizagem. Comecei a chamar os estudantes da matemática para virem assistir, como voluntários e em momentos de aula vaga na Matemática, as minhas aulas no curso de Pedagogia, como forma de promoverem a integração entre níveis de ensino no seu futuro nas escolas. Foi uma aproximação proveitosa entre responsáveis pela formação dos futuros professores e o gatilho foi o material que era volumoso e pesado para ser transportado de um prédio para outro. Foi ótimo, todo mundo cresceu muito, todo mundo aprendeu muito, e fomos desenvolvendo. Não era só o computador – eu não cheguei a ver o computador exercendo um papel do jeito que estava no meu imaginário, mas já tinha alguma função bem como o uso de outras tecnologias. O contato com os estudantes de Matemática e os de Pedagogia abriu a minha cabeça. Eu consegui fazer outras coisas, que eu aprendi porque eu estudei mais, porque eu interagi mais. E a Didática em construção como área da Educação e como disciplina. Não foi só de livro; ver as pessoas praticando, faz muita diferença, e eu acho que eu fiz diferença também.

Em 1995, houve um concurso para professor efetivo, e eu participei da seleção. No entanto, a vaga era para São Mateus. Eu me inscrevi, pois queria entrar na UFES e ficar. Como professora substituta, poderia ficar no máximo por dois anos, com contrato possível de renovação para mais dois anos. Depois disso era obrigada a deixar a Universidade. Abrir vagas para concurso era difícil naquela época, mesmo havendo professores aposentados e vagas disponíveis. Passei no concurso e, quando fui assinar o contrato, lembro-me de Maria José, a chefe do departamento, sugerir que eu deixasse o segundo colocado ficar com a vaga porque seria aberto outro concurso. Eu queria muito fazer parte dos quadros da UFES. Pela bolsa do governo brasileiro, pelo muito que eu tinha aprendido, pela experiência de vida e profissional que eu tinha, a Universidade me pareceu o local ideal para retribuir tudo que eu tinha conquistado e ainda o ambiente ideal para continuar aprendendo. Então comecei a lecionar no CEUNES e adorei. Lecionava tanto para o curso de Pedagogia, quanto para o curso de Matemática.

(Pesquisador) Certo a senhora foi para o CEUNES em 1996?

Fui para o CEUNES ainda em 1995, assim que saiu a nomeação. Lá tinha as mesmas atribuições pedagógicas que tinha em Vitória. Eu ia para o CEUNES na 2ª feira e voltava sábado. Pegava o ônibus aqui em frente a UFES e ia trabalhando durante a viagem. Foi uma experiência maravilhosa tanto pela interação com os professores que davam aula lá, quanto pela construção de um ambiente salutar e cooperativo de trabalho. Pelas circunstâncias, muitos alunos vinham de municípios circunvizinhos e moravam nos alojamentos. Outros eram professores na ativa que vinham completar sua formação, fosse na Matemática ou na Pedagogia. O tempo dedicado aos estudos, em média, era maior do que a média e a disponibilidade que se observava nos alunos do campus de Goiabeiras. Não fosse por outras causas, seria pelo tempo de deslocamento entre as residências/trabalho (para aqueles que já lecionavam) e a sala de aula.

Conseguimos conciliar a ementa da disciplina Prática de Ensino com a experiência de estar em um campus universitário. O estudante do curso de matemática tinha períodos de prática na escola pública e tinha períodos em que trabalhava com os alunos da escola no que chamamos de sábado na UFES. Quando ia chegando o período de estágio, programamos visitas às escolas para convidar os alunos a virem passar a manhã de sábado conosco. Conversávamos com a escola, visitávamos as salas de aula apresentando nosso projeto e mandamos comunicado para as famílias. O sábado estava sempre cheio de alunos do ensino fundamental II e do ensino médio no campus: era uma forma de praticar o processo ensino-aprendizagem e de trazer a comunidade e futuros alunos para o CEUNES.

Depois de tanto tempo lá no CEUNES e o meu laboratório, meu no sentido de prazer em fazer parte, em ter tido a iniciativa do projeto, mas que era do Curso de Pedagogia e do Curso de Matemática, mas principalmente uma conquista dos alunos da graduação da UFES, aqui sendo cuidado por uma colega, eu decidi pedir para voltar. Porque lá no CEUNES, eu estava muito longe da pesquisa. Lá era só aula, só aula, só aula. Eu não estava dando conta de fazer um projeto, de enviar um projeto de pesquisa ou de extensão. Como eu ia arrumar tempo para isso? Eu dava aula a tarde toda para pedagogia e à noite para matemática. Às vezes, se não me engano, tinha aulas de

matemática também à tarde. De vez em quando trocava, dava aula de matemática à tarde ou de manhã, pedagogia à tarde, à noite. Não lembro direitinho, mas enfim, eu não tinha muito tempo. Então eu falei: "Eu preciso voltar para a UFES, porque preciso ir para os congressos de novo, enviar trabalhos." Eu tinha parado esse ano e tanto que estava lá.

Mas eu continuava ligada ao meu departamento. Fui conversar, falei: "eu não sei por que, mas também li que depois de um ano e oito meses, não, depois de 18 meses, 18 meses fora, você pode pedir para voltar." E comecei a mexer, comecei a conversar, juntar papel aqui, juntar papel ali. Coloquei em reunião de departamento, mas houve alguma falta de compreensão e foi tirado de pauta; tiraram da reunião para não ser reprovado. Depois entrou de novo em outra reunião, e no fim foi aprovado. Tive o trabalho de ir nos meus colegas para explicar por que eu queria voltar, para eles serem a favor da minha volta. E o que ia acontecer? Ia pegar um professor substituto e mandar para o CEUNES, porque ia ficar sem professor. E nenhum dos que eram daqui queria ir para lá. Então eu tive que convencer realmente. Era um trabalho de organização. E deu tudo certo. Minha remoção para cá foi aprovada. Fui lá no RH, o RH falou assim: "Não, não tem vaga no CEUNES não. Você é professora daqui. O CEUNES não tem vaga." Hoje tem, mas naquela época não tinha. E os colegas também achavam que tinha. Meus colegas achavam que a vaga era no CEUNES. O departamento decidiu que quem fizesse concurso naquela hora já tinha que ir para o CEUNES. Não sei se eles podiam decidir, se o professor que tivesse feito o concurso sabendo disso podia falar: "Não quero ir. Manda o professor substituto para lá." Não sei. Eu sei que eu fiz o concurso como se a vaga fosse de lá. Meus colegas achavam que custava aprovar a minha volta. Fui no RH, o RH falou: "Não, não tem isso não. Não tem vaga no CEUNES." Olha que loucura. Mas foi ótimo. Foi um período muito bom. Adorei trabalhar no CEUNES. O pessoal lá era muito interessado, muito mais interessado do que o pessoal da UFES, tanto de qualquer curso, seja pedagogia ou matemática. Eram pessoas carentes de curso superior, então valorizavam muito a oportunidade de estudar e estudar na UFES. Havia gente que vinha de cantões distantes, cada cidadezinha pequena, cada distrito. E o pessoal conseguia ir estudar na UFES.

E não é só para eles uma grande vitória ter o CEUNES lá, também para os vizinhos, a Bahia. Então, eu gostei muito de trabalhar lá. O pessoal tinha muito valor.

(Pesquisador) E com relação a aula de Didática?

Por exemplo, a aula de didática para o curso de matemática. Então eu ia lá dar aula de didática. O dia que não se usava o material concreto, desenvolvíamos os temas como trabalhar, as metodologias de ensino, o perfil do aluno, as formas de avaliação. Era uma aula mais teórica, mas com as ferramentas que eu tinha praticado e estudado nos textos do "Problem Posing and Solving", nas aulas de Didática do Mestrado e nos Seminários de Guy Brousseau, na França. Aqui no Brasil, tinha o livro do professor Ubiratan D'Ambrósio, *Educação Matemática: Da Teoria à Prática*. O professor Ubiratan tinha lecionado no Departamento de Matemática da Universidade onde estudei em Buffalo, anos antes de eu chegar lá. Sabendo que eu era do Brasil, houve professor que comentou da presença e *expertise* do Prof Ubiratan. Assim, quando o conheci pessoalmente no primeiro Encontro Nacional de Educação Matemática de que participei, pude me apresentar e virei sua fã. Seu livro *Da Teoria à Prática* trazia formas de avaliar que utilizei como professora e que meus alunos conheceram como conteúdo tanto em Didática, quanto em Prática de Ensino.

Em minhas aulas de Didática, introduzi também a leitura de livros. Tinha que ler pelo menos um livro por semestre, fazer o trabalho do livro – resumo e apresentar em seminário. Assim todos liam um e pelo menos ouviam o nome do livro, do autor e o assunto de mais quatro outros autores referência em didática. Todos eles passaram em concurso da prefeitura porque estudavam, entendiam, sabiam responder perguntas relativas a como é o ensino-aprendizagem, o que eu faço para ensinar e o que o outro faz para aprender. Eu conheço os dois lados. Eles liam, faziam trabalho em grupo, apresentavam na sala. Então todo mundo acabava lendo um monte de livro, porque eram livros diferentes. Eles podiam escolher de uma lista que eu trazia dos meus estudos e de bibliografia citada em concursos já acontecidos no Estado e na Prefeitura. O livro *Da Teoria à Prática* era um livro fininho, mas muito significativo para a compreensão da Didática.

Na pedagogia, eu dava aula de matemática. Quando as alunas e os alunos descobriam que tinha matemática, três semestres de matemática, eles queriam morrer. Eu vim fazer pedagogia porque não tem matemática, eu não aguento matemática, e agora tem matemática. E era no terceiro semestre que começava o curso de matemática. Eu tinha que conquistar as meninas e os meninos, estes em menor número: "Gente, vocês vão dar aula para os meus netinhos, e os meus netinhos vão adorar a matemática porque eu sou avó deles, eu adoro, e eles vão adorar, e vocês vão ter que ajudar, porque eles vão querer aprender, vocês vão ter que ensinar, eles vão ser seus alunos. Como é que vai ser isso?"

Então, aqui e agora é o lugar de aprender. É hora de falar comigo: "professora, não tenho a menor ideia de como soma esse pedacinho de coisas". Aí a gente trabalhava com material concreto. Então, elas tiveram confiança. E falei: "E aqui ninguém pode rir um do outro, se não souber somar. Nós vamos sair daqui sem somar no dedo. Enfim, não pode rir, e quem sabe mais do que o outro vai ensinar". Então, a gente fazia os grupos de estudo na aula. E quem avançava no exercício, eu já passava para outro grupo que estava mais atrasado, porque eu não dava conta de atender todo mundo, muitas dúvidas. Tinha que avançar, e os próprios alunos ajudavam. Para você ter uma ideia, nesses anos todos em que eu fui professora, a universidade nunca teve tanto aluno da pedagogia que fez trabalho de final de curso em matemática. Um dia a coordenadora de curso falou comigo: "Sabe de uma coisa? Nunca vi tanto aluno fazendo trabalho de final de curso em matemática". Foi muito legal, muito gratificante. Quando eu também era professora de estágio - Prática de ensino I e II, e quando a gente ia para uma escola, aí sempre íamos para escola pública, e às vezes estava faltando professor de matemática, então meus alunos deram aula de verdade, eu dei aula. Às vezes acontecia de chegar lá num dia, o aluno não estar preparado, o professor tinha faltado, eu dava aula. Então eu voltei, mas não era a mesma coisa de quando eu dei aula no Monteiro Lobato. Não era a minha sala. Então, faltou esse pedacinho de eu ver se aquela didática toda que eu ensinava, que eu usava com o meu aluno, se eu saberia usar com os alunos deles. Eu queria ir para a sala de Ensino Fundamental de novo, para ver o tanto que eles iam progredir sendo eu uma nova professora. Isso não

deu, porque eu não podia largar a universidade. A universidade não me dava licença para voltar para a sala de aula de outro nível. Engraçado, uma pena. Seria uma pesquisa muito legal, mas a universidade não ia me deixar ficar 2 anos, por exemplo, sem dar aula na universidade, dando aula para aluno do ensino fundamental. Não ia dar, não tinha essa possibilidade no sistema. Mas uma pena, uma pena.

A senhora ficou quanto tempo no CEUNES?

Assim, fiquei um ano e seis meses. Ah, bom, aí ganhamos o laboratório. Ainda estava como professora substituta, ainda era substituta. Aí fui embora para o CEUNES, deixei uma amiga, uma colega do curso de matemática, responsável, mas no meu lugar. Não abri mão da coordenação. A colega que ficou gerenciando, cuidando dos assuntos administrativos que surgiam enquanto eu estava em São Mateus, era alguém com quem eu compartilhava teoria e prática. Dividíamos trabalho nas disciplinas do curso de Matemática e escrevemos uma série de livros de Matemática para o recém criado curso de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância. Eu continuei lá no CEUNES. Quando eu podia, eu vinha aqui, mas eu dava aula a semana inteira. Geralmente era de segunda a sábado, inclusive sábado por causa de estágio. Tinha alunos que não podiam fazer durante a semana, então eu tinha que dar oportunidade para eles fazerem um trabalho no sábado. Aí eu trazia alunos das escolas para o CEUNES. A gente pegava um monte de sala, e aí eu saía, ficava andando de sala em sala. Sala tal com tantos alunos, com tal conteúdo. Aí também ajudamos, divulgamos isso nas salas das escolas de São Mateus. Vamos fazer isso: não é um curso, não é uma aula particular. É uma forma diferente de ver o mesmo conteúdo que eles veem na escola. Então a gente, com certeza, ajudou também os alunos na escola, no conteúdo que estava vendo, naquele que estava com dificuldade. A gente fazia as propostas e nas nossas aulas teóricas, a gente fazia o projeto, fazia o programa, e ia trabalhar aquilo que a gente estudava em didática, da forma que a gente ia trabalhar na escola, inclusive com prova, para eles terem oportunidade de corrigir prova. E uma das coisas que eu aprendi no livro do professor Ubiratan D'Ambrosio, e eu fazia muito isso na pedagogia, foi muito bom, e os meus alunos faziam com os alunos deles, os alunos da matemática. Era você dar a prova. Primeira coisa que eu aprendi lá no mestrado, você

só dá prova daquilo que você ensinou. Então você deu esse tipo de exercício é esse tipo de exercício que vai cair. Você não vai dar esse tipo aqui não, porque você não trabalhou com eles. Esse aqui para você falar que ele não sabe, você não precisa fazer prova para isso. Ele não sabe, não precisa dar prova. Você dá prova com esse daqui que você trabalhou.

E eu tinha uma experiência pessoal. Quando eu fiz o meu curso de matemática, primeira prova de geometria analítica. Estudei para caramba, sabia tudo, fizera todos os exercícios do livro - o livro era em francês, não tinha tradução em português: Problèmes de Géométrie Analytique, autor D. Kléténik. O professor deu um daqueles exercícios, mas com letras ao invés de números. Eu tinha feito tudo que ele tinha trabalhado, com números. Ele só trabalhou números, e deu com letras. O que aconteceu? Eu não fiz, não sabia fazer porque não tinha a cultura. Era o primeiro ou segundo semestre do curso de matemática. Então eu tirei uma nota pífia naquela prova e uma frustração enorme. Quando ele corrigiu na sala, eu falei: "mas eu sabia fazer, é a mesma coisa de números, só que era com letras. Ia dar resposta em letras, e eu queria dar resposta em números. Eu não sabia, olha só". Quando o professor corrigiu a prova ele mostrou o novo contexto. Ele mediu na prova o que não tinha sido ensinado na aula. Era sobre isto que alertava meu professor do mestrado na SUNY Buffalo e era sobre isto que alertava o professor Ubiratan D'Ambrosio em seu livro com que trabalhávamos no curso de matemática. Na Pedagogia eu dava a prova, e aí eu corrigia, questão por questão, devolvia cheio de observação: "Faça de novo".

(Pesquisador) Você dava a prova para os alunos?

Os alunos da pedagogia precisavam de conteúdo e metodologia. A aula de matemática era conteúdo, só que era um conteúdo que devia ser visto do ponto de vista da aprendizagem do aluno do Ensino Fundamental I, de como você ia ensinar. Só que era também de como você aprende. Era o "aprenda para ensinar". Então eu dava a prova e as questões eram para serem resolvidas com justificativas. Como é que você ensina isso? Ou como é que você vai trabalhar isso? Que mal entendidos seu aluno pode ter e por que? Como você o leva a entender o erro e a buscar mais de um caminho para a

solução? Como é que você deixa claro o caminho que quer que seja percorrido, quando o caminho for o objetivo? Pedia para explicar discursivamente, os passos da solução que ele/ela tinham desenvolvido.

Então tinha que escrever, tinha que fazer e escrever, e explicando o que você estava pensando, um pouquinho daquele do "Problem Posing and Solving". Aí eu corrigia, às vezes o português não estava bom, às vezes eu não conseguia entender, e aí eu marcava tudo. Gente, era um trabalhão. Às vezes turmas de 40 alunos, eu devolvia: "Faz de novo, a questão que você errou; faz de novo". E eu corrigia de novo e alterava a nota. Aí teve um determinado momento que eu vi que os alunos não estavam estudando para a prova porque sabiam que teriam oportunidade para fazer de novo. Aí eu comecei a fazer média. Não trocava a nota: tirou 1 na primeira prova, corrigíamos em sala, o aluno corrigia em casa. Tirou 10, beleza. Eu comecei a fazer média. Todo mundo trabalhando. Eu era exigente na correção. Queria resposta em nível de concurso público. Eu trabalhava para formar professores que tinham que ter competência para passar nos concursos. Aí eu entendi, falei: "Não, vamos parar com esse negócio de trocar nota, e nós vamos, quantas vezes você tiver que fazer, eu vou somar". Então a primeira vez você tirou 1, a segunda vez você tirou 5, a terceira vez você tirou 10. Porque até tirar 10 tinha que fazer de novo. Terceira vez você tirou 10, eu vou somar: 10 com 5 com 1 e dividir.

(Pesquisador) Para matemática, a senhora dava prova, avaliação com prova também?

Tinha avaliação também, mas sempre, era muito seminário, mas tinha avaliação também para poder praticar. Como é que você avalia? Tudo bem que era escrito, que era teoria, mas outra coisa também estava clara para mim: o sucesso nas provas que eles iam fazer nos concursos após formados. Porque eu também tinha esse conceito e falava para eles: "eu não posso falar que vocês estão bem formados, se amanhã vocês vão fazer um concurso para a Prefeitura de Vitória ou para o Estado e vão tomar bomba". Eles não passavam, não sei, eles não passavam nos concursos, não porque não soubessem matemática, não sabiam didática, não sabiam fazer um texto. Aí a Prefeitura e o Estado, o Estado demorou um pouquinho mais, mas a Prefeitura já

estava lá na frente para cobrar a didática, e as escolas particulares também. Elas queriam os professores que tivessem um conceito de aprendizagem mais do que de ensino, ou tanto quanto de ensino. Então por isso eles tinham que ler e tinham que saber escrever. Quando chegava as provas de concurso, eles já conheciam os autores, eles tinham lido ou tinham assistido algum seminário em sala. Era só ler de novo. E sabiam montar um texto nas questões discursivas.

Então eles começaram a fazer uma coisa que eles não tinham hábito, principalmente no curso de matemática. Nada, nunca tinham lido um livro, nem os livros deles de matemática. Eles tiravam cópia, não tinha um livro na mão, né? Tiravam cópia do capítulo 1, capítulo 5. Cadê o livro, gente? Tem que ter livro! Aí eles tinham que ter, eu comprava os livros para eles, pedia nas editoras porque eu comprando como professora e comprando quantidade ficava um pouco mais barato. Os alunos e alunas me davam dinheiro, eu mandava vir os livros, entregava. E aí quando chegava nas provas, nos concursos, os autores lidos eram os que constavam das bibliografias dos concursos. Porque o que eu fazia era dar-lhes oportunidade, nas aulas de Didática e de Prática de Ensino, para conhecer os autores e suas teorias.

Pegava a prova do concurso do ano anterior, o último concurso que tinha tido, quais os autores? São esses autores que nós vamos ler e mais algum que eu tivesse conhecimento, que eu tivesse visto em algum congresso. Você não pode parar de ir para o congresso, né? Nossa, aí eu não perdi nenhum congresso, e era em São Paulo, era o Nacional de Educação Matemática, ou outros. Eu ficava mapeando. Aí ser professora universitária da UFES, era muito bom, porque você tinha um congresso para ir, você entrava com seu projeto na reunião de departamento, justificando, você tinha abono, para poder ir. Às vezes tinha passagem, mas a maioria das vezes a gente ia com recurso próprio. Mas eu pagava de bom grado, saía aprendendo. Pois é, nossa, aquilo foi beleza, foi um tempo de aprendizado contínuo. Jesus, meu tempo na UFES foi bom demais. Por mim, eu teria ficado lá até os 70 anos. Eu teria saído no compulsório, mas eu tinha família, marido, que estava trabalhando fora do estado e eu fiz a opção de reunir a família.

(Pesquisador) A senhora se aposentou quando?

Eu me aposentei em janeiro de 2011, aos 60 anos, após completar 60 anos em setembro de 2010. Foi uma pena, porque eu adoro aquela universidade. Por outro lado, estar fora me permitiu ter um olhar mais crítico sobre ela. Ao acompanhar, nos anos seguintes, percebi que houve muitas mudanças, mudou muito. Eu, estando de fora, não gostaria de estar dentro daquela nova universidade. Mas se eu estivesse lá, provavelmente eu teria me adaptado. Bom ou ruim?

(Pesquisador) A senhora, enquanto professora de didática, qual era a sua percepção dos alunos do curso de matemática com relação a valorizar mais as disciplinas científicas, o cálculo, a álgebra, geometria analítica, em detrimento da didática?

Era a enrolação, o espírito chegava assim, "oba, não tem nada para fazer aqui". Mas daí entrava o meu conhecimento enquanto professora da disciplina, a importância da didática. Na época, eu também fazia terapia para meu próprio crescimento pessoal, e tive um terapeuta que falou comigo assim: "Isabel, você tem tanta experiência". Eu costumava falar muito sobre a disciplina, sobre a pressão que sentia em passar o conteúdo. Essa questão saía na terapia, né? Ele falava assim: "Mas você tem tanta experiência de vida, tantas coisas, é muito maior do que esse conteúdo. Você tem que dar o conteúdo, eu entendo, mas é muito maior do que esse conteúdo. Seus alunos têm que ter a oportunidade de escutar a sua vida." Foi um cara super legal na minha vida, porque comecei a praticar isso. Eu relaxei, conquistei mais os alunos, e nunca deixei de dar o conteúdo, mas foi muito mais gostoso, prazeroso de trabalhar, tanto na pedagogia quanto na matemática. Assim como eu tive que fazer um trabalho de convencimento com a turma de Pedagogia, mostrando que não merecia pedras na cabeça só porque eu era professora de matemática. Tive que fazer o mesmo com a turma da Matemática. Primeiro, mostrar que aquilo não era uma bagunça, que não era para fazer trabalho de matemática na aula de didática, nem faltar aula, porque havia outras coisas para estudar. Acho que ajudou bastante essa história de preparação para concurso. E não era um cursinho para concurso, era algo que eles tinham que saber para passar, para serem bons professores, para passar porque eram bons professores e

mereciam estar lá dentro. Acredito que isso tenha me ajudado muito, mas era um processo de convencimento.

Depois a gente ganhou um pouco de fama, e aí vinha outra turma, mas eles já se conheciam, conheciam o que estava pela frente porque tinham namorado, amigos e amigas nas outras turmas e eles comentavam sobre a disciplina, participavam de outros grupos, enfim, eles comentavam sobre a disciplina. Então, eles encontravam com aqueles que estavam começando, e a gente também ganhava um pouquinho de respeito, mesmo sem ainda ter sido professor.

E isso foi muito bom para mim, muito gratificante. Não foram poucas as turmas de matemática que me elegeram para paraninfa.

Depois que eu voltei para a UFES, veio a história do Ensino a Distância (EAD), que eu não mencionei antes. No centro de educação, todo mundo era contra o EAD, só votos contrários. Eu disse: "Não gente, não é assim. O EAD pode ser visto dessa forma, como um diploma sem fundamento, mas com a minha experiência em EAD, no mestrado e quando meu filho fez um curso de português, eu pesquisei sobre o crédito independente em EAD e vi que poderia ser algo de valor." Então, tive coragem de iniciar meu doutorado. Olha quantos anos se passaram; retornei da França em 1994 e demorei muito tempo para ter coragem de voltar a estudar para obter um título. A minha experiência anterior na França foi bem traumática.

Então, eu disse: "eu quero estudar isso, eu quero ajudar." Comecei a trabalhar e o curso de pedagogia a distância já estava implantado. Eu lecionava algumas disciplinas e pensei: "mas eu preciso pesquisar, escrever algo que convença meus colegas de que isso pode ter valor, pode ser de qualidade."

E então eu estudei, fui para UFMG e fiz o doutorado nessa área. Eu queria provar que era uma modalidade de ensino que podia formar com competência, onde se poderia obter um diploma de qualidade. Então decidi ir para Stanford. Minha orientadora havia feito seu doutorado lá muitos anos atrás e ela me ajudou a entrar em contato com um

professor cujo nome não consigo lembrar agora. Pena que não tenho minha tese aqui para conferirmos. Conversei com ele e consegui ser recebida lá. Passei três meses na Califórnia, em São Francisco, indo para Stanford quando ele podia me receber. Ele me ajudou a desenvolver a forma de avaliação. Ele disse que eu deveria aplicar um teste de português e matemática. Então, trabalhamos nisso. O teste não foi realizado de forma amostral, foi aplicado para todos os estudantes que ainda estavam em curso e que tinham terminado as disciplinas de português e de matemática, tanto na modalidade EAD quanto no ensino presencial. Na época, eu estava afastada para o doutorado, não estava lecionando. Nenhum dos alunos que participou do projeto tinha tido aula comigo. Visitei cada sala de aula, tanto presencial como na EAD, onde um colega estava ministrando a aula. Eu pedia uma palavra e explicava meu projeto, o que eu estava fazendo. Os alunos da EAD também tinham interesse em ver se estava sendo um bom curso.

Nossa, mas isso também foi muito legal. Consegui o apoio de um grupo de pesquisa que trabalhava com avaliação educacional com base no método TRI – Teoria de Resposta ao Item. Eu precisava de algo sólido para realizar a prova e corrigi-la. Eles utilizavam a correção que era utilizada nas provas do ENEM, que analisa não somente os erros e acertos, mas o domínio do estudante considerando a dificuldade da questão, as diferenças de conhecimento entre os alunos e ainda capta os acertos casuais (chutes). Uma avaliação que permite nivelamento entre as diferentes circunstâncias da realização da prova. Foi esse grupo de Belo Horizonte que me ajudou a montar os cadernos de prova, as folhas de respostas que tinham que ser em forma que pudesse ser lida por ferramenta computacional e a fazer a análise das respostas segundo o método da Teoria de Resposta ao Item. Paguei pelo material, e tive a colaboração de colegas da área de português do curso de Pedagogia. Então eu combinei com os alunos da pedagogia para reservarem um dia e pedi a um colega que não faltasse com sua turma. Eu precisava de todos eles, e deu muito certo, foi um sucesso. Todos os alunos do curso de Pedagogia presencial e do a distancia que já tinham terminado os semestres de estudo de Português e de Matemática, fizeram a prova.

Nossa, eu morava em um apartamento grande, minha sala tinha uma mesa de dois metros, estava cheia de pacotes. Então, contratei uma aluna do curso de Pedagogia e pagava a ela para me ajudar a separar e a embalar o material. Eram muitos pacotes e tinha que colocá-los em malotes para serem enviados para o CEUNES ou para outro centro de educação a distância ligado ao curso da UFES. Precisava ser enviado para algum lugar e lá teria um professor que iria me ajudar, o responsável. É incrível, falando assim, mal acredito, entende?

Mas deu certo. Todo mundo fez a prova, retornou e então foi feita a correção e verificação dos dados. Estou me lembrando aqui que o PAEBES, que é uma avaliação externa da Secretaria de Educação do Estado, utilizava esse tipo de avaliação. Foi assim que conheci essa turma de Belo Horizonte, através do Estado. Como UFES, eu prestava consultoria na Secretaria Estadual de Educação e conheci as pessoas lá e seu método de trabalho.

O que provamos, está na minha tese. Há um gráfico que mostra que os dois cursos, apenas pedagogia, tinham um nível muito baixo. A média era 5, o que não é uma média adequada para um curso. Estávamos lutando bastante, custava muito para o povo brasileiro, e estávamos formando alunos que tinham média 5 em uma prova de português e matemática. Mas a pedagogia na EAD estava melhor do que o presencial; era uma diferença pequena, mas suficiente para sustentar minha tese, que valia a pena oferecer curso na modalidade a distância. Sustentei que não é porque é a distância que o curso é ruim ou enrolação, e que um professor formado em EAD seria, só pela modalidade, menos bom do que um professor formado de outra forma. Posso até dizer que precisamos rever o trabalho no curso nas duas modalidades, mas não são menos bons do que aqueles que fizeram o curso presencialmente. Isso nos faz pensar sobre o que estamos fazendo ali, porque o aluno não sabe mais de português e matemática. Foi uma prova de conteúdo, foi assim que montei a prova com o professor que me orientou em Stanford. Foi muito legal e trabalhamos bastante.

Aí em 2011, eu terminei esse ciclo. É, foi por questão de família, porque eu não queria, não. Eu estava muito feliz lá dentro da universidade. Mas, devido à família estar

